

QUARTA-FEIRA
Lisboa--29 de Abril de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

21 03
renga



sempre
Picadeiro semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

O "Nemo" ou antes o "Demo" á sôlta



«Voz»... do Picadeiro, com esterco de cavalo em todos os registos



Os ditos da semana

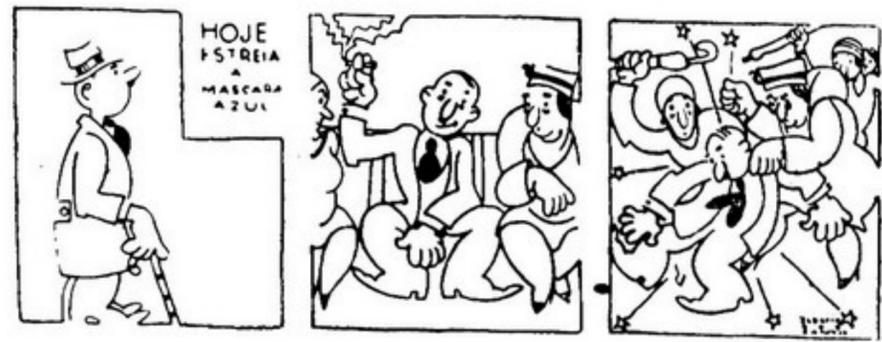


Matar a morte Kurten, o vampiro de Dusseldorf foi condenado nove vezes à morte, o que quer dizer que terá de ser nove vezes executado.

Mal sabem os juizes ou jurados que o condenaram que Kurten se ficou a rir da sentença.

Um homem que passou a vida a matar, está de tal forma familiarizado com a morte, que a pena que lhe foi imposta deixa-o perfeitamente indifferente. E já estamos daqui a vê-lo, depois de executado pela primeira vez, com uma grande curiosidade por saber como é que ainda o não-de executar mais oito vezes, gosando a arrelia do carrasco ao sentir-se impotente para cumprir a sentença. E só então Kurten avaliará a grandeza do seu crime e da sua celebridade, ao compreender que oito vezes matou a propria morte, depois de morto.

A justiça humana tem destas iniquidades: condena um homem porque matou e obriga-o a ser assassino mesmo depois de executado.



CONSEQUENCIAS DE FUMAR NOS CINEMAS...

guez, se a sua bela e cortante dentadura.

Vê-se que ainda ha portugueses.

E ainda ha quem ás vezes tenha apreensões sobre o nosso futuro, pensando que o estrangeiro possa algum dia cá meter a pata.

No momento em que semelhante perigo nos ameaçasse, nem seria preciso chamar as reservas. Bastaria convocar todos os Martins desta terra abençoada e soltar o brado:

—A eles com unhas e dentes! E então era velos de dentuça aliada a cortar orelhas, com a mesma febre com que noutros tempos mordiam cartuchos.

E o inimigo voltaria para sua casa, de orelha murcha, de orelha tombada, dizendo com os seus botões

—Quem me mandou a mim dar ouvidos aos que me aconselharam a arrebitar as orelhas, se agora nem orelhas trago para as torcer?...

Ah! valente João Martins, que genica, que dentadura e que grande exemplo!

Está resolvido o problema da defeza nacional. Nem esquadras, nem exercitos, nem polvora, nem nada.

Bastam-nos dentistas e Martins.

Mulheres a mais Na Alemanha ha muito mais mulheres do que homens, talvez porque a guerra levou muitos rapazes na flôr da idade.

E as raparigas alemãs andam alictas porque não encontram marido.

Nós não sabemos bem o que se passa na Alemanha, mas queirer-nos parecer que se os alemães quizessem, podessem e soubessem, a crise poderia ser facilmente atenuada. Bastaria que os homens se compenetrassem dos seus deveres e se dedicassem de corpo e alma a resolver a crise.

E se lhes faltassem conhecimentos do «metier», nós de boa vontade nos prestaríamos a dar-lhes algumas lições. Podia mesmo fazer-se uma especie de intercambio, vindo por exemplo uma brigada de alemãs ensinar-nos a patinar no gelo e mandando nós uma brigada de portugueses ensinar-nos a brincar com fogo.

No fim todos ficariam satisfeitos e com mais conhecimentos, especialmente as mulheres alemãs.

Fernanda de Castro



Natalidade Em Janeiro deste ano nasceram mais creanças do que nos anos passados.

Quando a crise das subsistencias aumenta e aumenta, por falta de alimentação, o numero de tuberculosos, a natureza sempre providente, encarrega-se de manter o equilibrio da população do globo. Ela lá sabe que se a morte ceila cada vez mais vidas, é preciso crear vidas novas que a saciem. E a lei das compensações.

E depois como ha menos que comer, as refeições são mais rapidas, de modo que sobeja mais tempo para outras coisas.

E cada um trata de encher a barriga conforme pode.

A' dentada O nosso compatriota João Martins metendo se de briga com um francez, em Lion, resolveu o pleito arrancando-lhe uma orelha com uma dentada.

Desvanecidamente nos confessamos maravilhados com a façanha, não sabendo que mais admirar: se a valentia de animo do famoso portu-

Poetisa admiravel, contista infantil de grande valor, trabalha o teatro com o mesmo exito. E a ultima prova do que afirmamos está na «Fuga» que Palmira Bastos e Amélia Rey Colaço estão interpretando e que não «fugirá» tão depressa do Nacional — a não ser para voltar...



Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»



— Que fizeste de manhã na escola?
— Aprendi as vogais
— E de tarde?
— Esqueci-as.

A companhia Maria Matos está representando, no Porto, *O Fim da Jornada*.

Queira Deus que não seja na capital do norte!...

NO Nacional mantém-se o êxito da peça *A Fuga*.

Vê-se que o público, desta vez, não lhe deu para fugir...

CONSTA que, nos ensaios da *Greve do Amor*, houve uma discussão entre uma artista e um empresário ou autor.

Naturalíssimo! As greves dão sempre incidentes subversivos!...

VAMOS ter, no Variedades, a revista *Verde Gaio*.

Dizem que é boa e que melhor seria chamarem-lhe: *Verde e encarnado!*...

A companhia Ilda Stichini está em Guimarães, representando no teatro Afonso Henriques.

Deve ser muito antigo o repertório, a calcular pelo nome sob cujo regide funciona o teatro!...

ENTROU em ensaios de apuramento a peça *A Volta*, de Virginia Virginia.

Será *A Volta dos Degredados*. Já é tempo... Queremos dizer que já é tempo da ilustre poetisa reaparecer no teatro dramático...

ZABUMBA é um título sonoro e negro, de batuque indígena. Será uma homenagem à nossa representação na Grande Exposição Colonial de Paris?

Se é assim, temos que mandar para lá mais coisas...

O Carlos Leal não é só bom artista; tem um coração de ouro. Agora anda a angariar discos para a grafonola do Sanatório Marítimo do Outão.

Entre os que recebeu primeiro.



— Podias ir para a America; ao menos, aí, tinhas o teu pão assegurado.
— Pois sim, mas o... vinho?

contam-se os de Beatriz Costa. O disco mais apreciado que ela lhe mandou foi o da — *Amizade!*...

CONTINUA no Gimnasio o *Casto José*.

Será também dos tais?...

DIZ o nosso ilustre colega *Diário de Lisboa* que foi entregue num teatro popular uma farça intitulada *A Pensão do Boquinhas*.

Mas que título! Não será piada? Ficamos a fazer boquinhas para o saber...

FINALMENTE, subiu a scena, no Trindade, a *Libré do Sr. Conde*. Custou a acertar!

O novo crítico dramático sr. Jorge de Faria está terrível.

A proposta dama fantasma recentemente estreada, fez greve à benevolencia. E tem razão! Já não era sem tempo!...

VAMOS ter uma revista que se chama *Branco e Negro*.

Como título, é uma novidade...

NO Nacional estreia-se, breve-

mente, *O Milhafre*, peça da autoria dum açoreano. Como se trata de uma ave de rapina, talvez a critica possa dizer que o autor tem garra e envergadura!

O que havemos de dizer de Erico Braga?

Que tem estado, ligeiramente, doente, motivo porque lhe desejamos as melhoras.

Desta vez, o papel é a sério...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



— Quanto devo doutor?
— Cincoenta escudos, minha senhora!
— Tem graça, é o mesmo que eu costumava levar.

— Que execução que tem o pianista!...
— Tenho lá no escritório uma dactilographa que o metta... num canto.



— E diz ele que só gosta de mulheres finas... E a Aurora com quem ele está a falar é grossa que nem uma pipa. Vá lá a gente entender os homens...

Coisas que sucedem

Pedro e João eram dois pobres de Cristo. Não os fadara o destino para grandes vãos. E, como ninguém foge à sorte varia, Pedro e João andavam pelo mundo fóra, como vagabundos, famintos, como dois pobresinhos a quem Deus nunca faltara... porque não prometera.

Faziam esforços sobre esforços para melhorar a sua situação, e como a «divagar se vai ao longe», divagavam naquele dia sobre a forma de meter para o estomago alguma coisa que os confortasse.

Nada conseguiram, porém. A noite, os seus estomagos continuavam vazios e a estrada por onde caminhavam nunca mais acabava. Aquela noite parecia destinada a dormirem ao relento sob uma arvore, ou a caminharem, caminharem sempre...

Mas na curva da estrada surgiu-lhes uma luz. Esperançosos numa noite bem dormida, aproximaram-se.

Era uma velha hospedaria, porca e feia, em que apetecia alguém morar... só para sentir a grande sensação de se ir embora.

O dono, o hospedeiro, tinha cara de poucos amigos. Quando Pedro e João lhe pediram poisada para aquela noite, agarrou em duas esteiras e, fazendo-os entrar num cubiculo imundo, disse:

— Deitem-se para aí... Mas nada de barulhos... Senão... venho cá acima com um fuelro e desanco-os.

Assim que o brutamontes saiu, Pedro estendeu a sua esteira ao pé da porta e João a sua ao fundo do quarto. Deitaram-se.

Não eram decorridos, porém, cinco minutos e já os dois mendigos estavam em discussão acalorada. O hospedeiro, ouvindo tudo, subiu a escada, abriu a porta e, como o Pedro estava mais perto, ferrou-lhe uma data que o deixou em estado lastimavel.

— Se tornam a fazer barulho... disse ele — vai nova tarefa, seus malandros!

Passaram outros cinco minutos. — Tu é que tiveste a culpa! — dizia o Pedro.

— Tu... tu... — Eu?! Não digas isso!

E o hospedeiro voltou outra vez. — Seus malandros! Não teem então juizo?! Eu não lhes disse que não queria barulhos?!

Palavras não eram ditas, levantou o cacete e deu nova tarefa no pobre do Pedro. E depois... saiu.

— Oh! João — disse o Pedro — eu já apanhei duas «datas»... Eu sou fraquinho e não é justo que, sendo nós amigos, seja eu só a apanhar...

— Mas que queres dizer... — Que passes para o meu lugar, não vá acontecer começar nova discussão...

— Bem... Eu passo, mas com a condição de não fazeres barulho. — Pronto... Está dito.

Trocados os lugares, a coisa parecia mudar de aspecto, quando o Pedro, lá do fundo do quarto, gritou:

— Vês tu, agora não fazes barulho. Quando estavas aqui, abrias as guelmas como um pato.

— Tu não digas isso... Não me insultes.

A discussão recomeçou, mas desta vez com mais calor ainda. Até que o hospedeiro, cheio de indignação, voltou a admoestá-los.

— Seus malandros! Seus malandros! E' assim que me pagam o bem que lhes fiz?!

Levantou o cacete para começar a terceira sova no que estava ao pé da porta, mas resolveu suspender o gesto, exclamando:

— Este já está farto de apanhar... Agora vamos ao outro... E ferrou nova tarefa no Pedro...

Paça dos outros Tac-Tac-Tac

Entre amigos:

— Minha mulher é admiravel de dedicação. Até me tira as botas...
— Quando chegas da rua?
— Não, quando quero sair...

* * *

Numa estação de caminho de ferro:

O passageiro: — A que horas parte o comboio das 7,45?

O empregado: — A's 8 menos um quarto!

O passageiro: — Que transtorno me faz esta mudança de horario...

* * *

O pai: — Se não te portas bem, dou-te com um fuelro!

O filho: — Ele é isso? Pois vou procurar um advogado!

* * *

Numa esquadra de policia:

O chefe: — Outra vez bebado?

O delinquente: — Que quer?! Não tenho agua em casa...

* * *

O marido: — Este romance é muito tragico!

A mulher: — Porquê?

O marido: — Porque termina com um casamento...

* * *

Escritos:

— Tem algum quarto livre?

— Conforme...

— Como conforme?

— Se o senhor é madrugador, posso-lhe ceder o quarto dum padreiro, que só vem para casa depois das 6 horas da manhã...

* * *

Entre amigos:

— A honradez acima de tudo! Ontem, um amigo que me devia tresentos escudos enganou-se e deu-me quatrocentos.

— Está claro que tu...

— Guarde o dinheiro para algum dia que me venha tambem a enganar honradamente...

* * *

— Sabes? Sou empresario! Arrendei por dois anos um teatro.

— E que genero vais explorar?

— O genero... humano!

* * *

Num exame:

— O que vem a ser o patrimonio?

— E' o que os filhos herdám quando lhes morre o pai.

— E como se chama o que herdám da mãe?

— Chama-se matrimonio...



— Estou a passar o fato de meu filho que vai viajar de vapor.
— E se o barco vai a pique?
— Se ele gostar, desembarca em "Pique".

Ora Valerio, como já lhes fiz notar, era de sua natureza espertalhão, daquela esperteza saloia que se tornou simbolica na linguagem popular. E, como um dia resolvesse ir fazer umas compras a Lisboa, vestiu o seu fato preto domingueiro, que lhe havia servido no dia do seu casamento, tomou a camioneta do Ildio e, ás 9 horas, estava na capital.

Fez as suas compras e foi dar um giro pelas ruas da cidade.

Era a força do sol; quasi meiodia. Entrou numa taberna, pediu um copo de vinho e, sentado a uma banca da locanda, devorou com appetite o farnel que trouxera de casa para poupar o custo dum almoço.

Depois, como sempre fazia sobre o balcão da loja, ferrou a cabeçourra no zinco da mesa e desatou a roncar como um cevado.

Quando acordou, passava da uma hora. Espreguiçou-se e ia a sair, abrindo a boca, quando o taberneiro o avisou:

— Falta pagar o copo de vinho; que lá o poiso é de graça.

— Já me ia esquecendo... — explicou Valerio, fazendo-se vermelho como um tomate dos seus sitios.

— Pois é! — comentou o rapaz, recolhendo o dinheiro, depois de bem verificar que não era falso.

Valerio pôs-se de novo a caminho, a fazer horas para a volta.

Mas o sol que queimava, a digestão custosa e o fato muito apertado punham-lhe as enxundias em calda. Parecia-lhe que se derretia todo.

Muito aflito, pensou: «Estou a engordar». E, como nesse momento passasse por um estabelecimento a cuja porta estava uma dessas balanças automaticas, entrou para se pesar.

E leu: *Deite cinco tostões no buraco.*

Valerio hesitou um momento. Olhou para se certificar de que ninguém o observava e pensou logo em fazer batota.

— Isto com 450 já deve pesar bem...

E, sem demora, lançou no buraquinho duas moedas de vinte centavos e uma de cinco.

Mas a balança não acusava o seu peso no mostrador.

O Valerio ficou furo e, chamando o dono da casa, barafustou que aquilo estava escangalhado e que era uma roubalheira. O patrão, escamado tambem, refilou:

— Você é que, se calhar, quiz fazer marosca, lançando alguma moeda mais pequena. Eu n' o tenho a chave disso. Não lhe posso dar remedio. Mas vou provar-lhe que isto não esta escangalhado.

E, metendo uma moeda de cinco tostões na fenda propria, saltou para a balança, que logo lhe marcou o peso.

— Vê, seu trafilha?...

Alguns fregueses já faziam troça. Valerio, encavacado, saiu corrido da loja.

Quizera comer os donos da balança e fóra ele o comido.

Desesperado, foi para o sitio donde havia de partir a camioneta, esperar, a um canto, a hora de voltar á sua rica mercearia. Mas sempre que se lembrava da partida da balança, exclamava, apoplectico:

— Aqueles lisboetas sempre são uns ladrões!...

CIRIA! O DE VELHOFRAC.

O proximo numero do

KINO

Sai amanhã

Cacharollete Elevador da Gloria

Esta juro que é verdade;
Passou-se em frente de mim;
Garanto a autenticidade,
Pois foi tal e qual assim.

Domingo, depois da missa,
Apesar do tempo feio,
Apeteceu-me passeio
E fui jantar ao Califa.

Sentei-me, e já petiscava
Uns carapaus divinais,
Quando, na mesa em que eu estava,
Se sentaram três casais.

Puxando dos seus farneis
De peixe frito e salada
E os competentes pasteis,
Pediram vinho á creada.

Riram muito, conversaram,
Dispuzeram-se a sair,
E ouvi, quando pagaram,
A frase que me fez rir.

Ainda que pouco engraço
Com a giria popular,
Sei que ao escudo usam chamar
Um pau, manguço ou palhaço.

E quando a creada vinha
P'ra levantar os talheres
E apresentar a continha,
Disse uma das três mulheres:

— «São dois escudos de vinho,
São mais dois de carapaus.
Faz-se a conta num instantinho:
Cada homem tem dois paus.»

Um, que armava em mais esperto,
Diz p'ros mais, quando somava:
— «Vamos vêr se isto está certo...»
Verificaram, e estava.

JOAO FERNANDES.

Tambem fui, de manhãzinha,
até á Desinfecção,
vêr o Principe de Gales
mais a grande recepção.
O «God save the King»
e a seguir a «Portuguesa»,
lenços, vivas, continencias,
calôr, ternura, franquesa.
O Principe é poliglota,
e falando aos jornalistas
usou do nosso idioma,
como usam os turistas.
Numa folha de papel
uma saudação escreveu
á Imprensa portuguesa
que logo lhe agradeceu.
Mas, depois dalguns segundos,
discussões e zangas, pum!
os jornais são uma duzia
e o papel era só um.
Depois de muita festança,
calorosa e imponente,
os dois principes ingleses
foram-se meter no «Kent»...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Mutilados na guerra dos espaços,
meus olhos já nao andam sem muletas;
têm a vista cansada, usam lunetas,
de tanto te fitarem, os meus braços.

De te pedirem leucamente abraços,
trago roucos de toda as falangetas;
tenho as murchas orelhas já manetas,
nao me pode o nariz dar ja dois passos...

Vê bem como coxeia a minha boca,
como o estomago, rindo, mostra os dentes,
e a minha lingua anda de todo mouceta!

E no meio da estranha confusão,
tenho no figado os pulmões doentes,
trago as unhas dos pés no coração...

ANTONIO AMARGO.

O proximo numero de

KINO

saí amanhã

O filho: — Mamã, não quero voltar ao collegio!

Ela: — Porquê?

O filho: — Porque já querem ensinar-me coisas que eu não sei o que são...

O doente: — Estou muito mal, sr. doutor?

O medico: — Nem por isso! Nada de teatros nem de animatografos; sobriedade na comida; não provar alcool; muito descanso na cama e, sobretudo, distraia-se o mais possivel!

No café:

— Não fales mal dele. E' teu irmão!

— Mas muito afastado! Ele, é o mais velho; eu, o mais novo... e somos quinze...

Ela: — Ha dois meses que nos casámos e já não gostas de mim...

Ele: — Mas não te disse muitas vezes, quando eramos noivos, que não gostava de mulheres casadas?...

Na rua:

O policia: — Pare! O senhor vai com excesso de velocidade!

O automobilista: — Está enganado, sr. guarda! Como quer que vá com excesso de velocidade, se vou buscar minha mulher?...

O doente: — Adeus, doutor! Isto está por pouco!

O medico: — Não se preocupe com o tempo. Não tenho pressa! Tenho electrico até á uma hora da noite!...

Entre amigas:

— Jurou que se mataria se não lhe desse o sim...

— E que fizeste?

— Salvei-lhe a vida...

A patrão: — A minha ultima cosinheira gostava muito de policias. Espero que você não os meta dentro de casa...

A cosinheira: — Pode estar descansada, minha senhora! Tenho-lhes odio! Meu pai é gatuno...

Ela: — Disseram-me que você gagueja quando beija uma rapariga...

Ele: — S...i...m... E'... v...er...da...de...



— Então o teu cão não ha meio de aparecer! Porque não deitas um anuncio no jornal?
— Para quê? Ele não sabe lêr.

A filha da caseira

A caseira da quinta da Baronesa pedira para ser atendida pela senhora.

A baronesa achou a visita muito estranha, mas acedeu, numa prova de democratismo, em receber a sua serviçal. A pobre da caseira apresentou-se muito aflita, num estado de exaltação horrivel.

— Ai, minha senhora — exclamou ella — eu venho muito aflita. Passa-se uma coisa muito grave! Como a senhora sabe, eu tenho uma filha que é muito prendada. Ora o filho de v. ex.ª, senhora baronesa...

— Continue! — atalhou a baronesa, com a voz cheia de comçoões.

— E' que... minha senhora... o seu filho... sim, o seu filho vai a minha casa quando eu lá não estou e faz uma grande visita á minha filha!

A baronesa ficou mais branca do que um manto de noiva depois de lavado. Comovida, com lagrimas na voz e comoção nos olhos, a boa da titular apenas poudo murmurar:

— Oh! que horror! O meu filho, um descendente de fina estirpe!... Ao que ele baixou...

— Pois é, minha senhora, — con-

tinuou a caseira — ele vai lá a casa ter com a minha filha, e isso é muito grave porque...

— Pois decerto, é gravissimo. Temos que remediar esse gravissimo erro. O meu filho é um homem honrado, cheio de brio, com um passado muito bem passado e que saberá reparar o seu erro...

— Mas, minha senhora... — atalhou a caseira.

— Cale-se! Isto não passará de nós. Mas, tão depressa meu filho venha, eu falar-lhe-hei e estou certa de que o meu querido menino saberá tambem o respeito que deve aos seus antepassados. Isto é um caso unico na genealogia da nossa familia. Todos os nossos antepassados souberam sempre o respeito que devem ás filhas das caseiras.

— Mas o que eu queria é que a senhora baronesa...

— Deixe-me falar!

E a baronesa prosseguindo:
— Sua filha, que é uma pobre menina indefesa, inexperiente e candida...

— Não, minha senhora, é Aurora.

— Sua filha, que é uma linda menina, merece de todos nós o nosso respeito. Meu filho não soube manter a tradição, mas eu falarei com ele e saberei dizer-lhe que repare a sua falta.

— Ai, senhora baronesa...

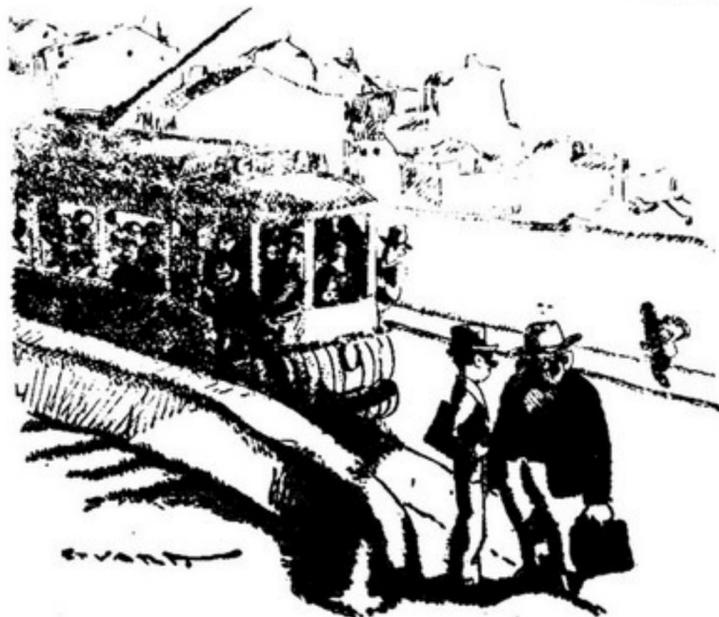
Mas a senhora baronesa não deixava falar a sua caseira e prosseguia sempre:

— Toda a minha familia foi sempre um padrão de honradez. Pois esse padrão será mais uma vez elevado. Sua filha será baronesa, mas cumprir-se-ha mais uma prova de grande elevação moral que sempre caracterizou os filhos dos barões e das baronessas. Eu, com o meu marido, o senhor barão, tratamos do caso.

— Mas, senhora baronesa, deixe-me agora falar...

— Pois sim, fale agora! — disse a baronesa, num gesto de condescendencia.

— Eu não queria nada disso — declarou a caseira. — O que eu queria era que a senhora baronesa avisasse o seu filho de que, quando fosse visitar a minha filha, tivesse sempre o maximo cuidado em não se encontrar com o senhor barão, que tambem lá vai e não tem horas certas...



— Porque será que vai tanta gente vêr o tal homem que se enterrou em fama?
— Oh! filho, é que ás vezes fica alguma agarrada ao fato.



— Tu não achas que a Nini se tem tornado mais feia?
— Sim, depois que o pai abriu falência!

O nome fatal

Neste labirinto de incertezas de negócios, em que vegeta quasi todo o comercio, a conceituadissima firma Generoso & Ferragudo, Lim., possuidora dum movimentado armazem de lanifícios, lançava mão de todos os recursos conducentes a legitima defesa dos seus interesses.

Uma das medidas que lhe parecia de eficiencia manifestamente salutar, a que mais afervorava o desejo dos componentes daquele prestigioso agregado comercial, era a rigorosa selecção da clientela. Nesse sentido, levavam a sua exigencia ao ponto de mandar inquirir se o cliente que, pela primeira vez, pretendia comprar os seus artigos, era novo ou velho, se era casado, se tinha muitos filhos, se era jogador, se se entregava ao gozo de custosa pandegas pantagruelicas, se padecia de doença politico-mania, emfim, se era dado a conquista de belo fêmeo, que, porventura, o forcasse a lutar, com a resistencia pacifica da gaveta do balcão, mimoseando-a com frequentes sócos silenciosos para satisfazer os appetites suculentos de qualquer Duímia de formosura estonteante.

Todas estas recomendações, à laia de ordem do dia, eram feitas, de vez em quando, aos empregados promotores de vendas.

Não obstante esta minuciosa somma de precauções, a firma Generoso & Ferragudo, Lim., não se havia livrado de alguns canudos, assas importantes. E' que, a par da crise actual, cuninha petulante e atrevidamente a falta de caracter e de vergonha, circumstancia talvez mais para temer que a falta de dinheiro.

Entre os empregados vendedores, como saliente cumpridor de ordens patronais, destacava-se o Timoteo Mateus, rapaz esperto, insinuante, simpatico e trabalhador. Certa tarde, entrou ele no armazem, esbaordido, de fisionomia visivelmente alterçada de contentamento. Com flegmo trabalho, conseguira ele trazer para a casa mais um cliente, e gozava de absoluta confiança, e sua paga cumulo de toda a sua salariação, lhe havia dado uma boa quantia.

— Então nem é esse grande negocio? — perguntou, meio confiado e meio ironico, o socio Ferragudo.

— E' o sr. José Seisdedos...

— Seisdedos?! — interrompeu bruscamente o patrão. — Você está doido! Não mando fazenda nenhuma para esse homem!... Eu quero lá um freguês desses em minha casa... Pois se eles com cinco dedos já me roubam, quanto mais com seis...

BRAZ MENDES.

Quer a sorte grande?
Habillito-se na tabacaria MADRID
Quado Mundo, 1855

VARANDIM DO CHIADO

Uso e abuso do Plural...

Quando madame Brochado apparecia na Baixa, mais do que uma pessoa perguntava qual o motivo porque essa mulher estava, assim, tão destacada pelas trombetas da celebridade... Porque era gorda, quasi rolante, parecendo um esferico? Porque era casada com o Brochado, fabricante de suspensorios, que ridicularizava os rapazes elegantes por usarem unica e simplesmente cintos?... Ou seria, talvez, pela razão, assaz importante, de, nas suas reuniões das quintas-feiras, oferecer uns «chás» que se confundiam com banquetes pomannos?...

Nenhum destes motivos, segundo um meu amigo que nasceu rico e tem a envergada profissão de saber a vida de toda a gente, explicavam sufficientemente a notoriedade de madame Brochado. Uma razão bem simples, que ninguém sabia se vinha do tempo em que essa mulher era simplesmente ovarina, concorreria para que o seu nome fosse citado, entre gargalhadas, pelos seus amigos, vizinhos e conhecidos. Madame Brochado desconhecia o emprego do singular, não o usava fosse em que situação fosse, e, quando, as vezes, o marido a repreendia, ella respondia-lhe que tinha horror á pobreza, ás quantidades mesquinhas, e tudo que era simples era insignificante.

Por exemplo, madame Brochado nunca dizia o meu chapéu, o meu vestido, a minha camisa, mas, referindo-se aos mesmos objectos, dizia assim: «os meus chapéus, os meus vestidos, as minhas camisas». A principio, esta bem de ver que o marido ficava aterrorizado com tão desmedido abuso do plural, que ao mesmo tempo parecia significar também abuso da sua cartela... Por fim, acostumou-se. Sabia bem que a sua esposa não tivera educação alguma e que, por isso mesmo, o seu defeito de empregar o plural quando devia empregar o singular era um mau habito explicavel...

Certa noite, madame Brochado, em casa de uma amiga, a quem fóra visitar, dizia o seguinte:

— Os nossos automoveis estão horríveis, já não fazem as mesmas marchas...

A amiga retorquiu-lhe:

— Já comprou outro carro?

Madame Brochado ruborizou-se e explicou que não, que não tinha comprado outro automovel... Pediu desculpa... Emfim, o seu mau costume de não saber empregar o singular obrigava-a a exageros que a contrariavam...

Desde essa noite, a rotundissima madame Brochado, sempre que falava com alguém, pedia-lhe que não acreditasse no plural que a visse lançar em certas designações. Todos acederam ao pedido. Se ella dizia, por exemplo, que fóra «aos teatros», a pessoa que a estava ouvindo perguntava-lhe que tal lhe tinha parecido a peça, mostrando-lhe deste modo que havia dado pelo enganoso... Até as creadas sabiam já como deviam atender os pedidos que ella lhes dirigia. Quando lhes pedia «os» em vez de «um garfo», atendiam-na prontamente, trazendo um em vez dos muitos que ella pedia...

Porém, uma noite, o mau costume de madame Brochado deu-lhe um dissabor memoravel. O casal tinha sido convidado para uma festa em casa dos Rapozos. Eram numerosos os convidados e, entre eles, notava-se a figura estilizada do poeta Jorge Pavao, um rapaz muito moderno, que fazia coleccionar amantissimas endiebradas... Durante o jantar, mesmo nas bochechas do marido, madame Brochado trocava eibares e zombarias com Jorge Pavao, deixando que os restantes comensais se sorrissem maliciosamente, desenvolvendo a convicção em que estavam de que es dois eram amantes...

A certa altura da noite, falava madame com umas senhoras amigas, sustentando que não tinha o vicio de ressnar. A maior parte concordou. Uma das suas amigas lançou, porém, um sorriso de duvida... Era lá possível! Madame Brochado, levemente indignada, apontou a distancia, o marido, que estava falando com o poeta Jorge Pavao, e disse:

— Se duvidarem, podem perguntar «aos meus maridos»...

As outras sorriram-se venenosamente. Madame percebeu. Sem querer, levada pelo seu maldito costume de empregar o plural em vez do singular, tinha aberto o salão da sua vida particular, havia revelado que tinha um amante... Arrou-se de toda a coragem para se defender, e ia já a desfazer o engano, já já a dizer que dizesse «maridos» em vez de «marido», quando uma das senhoras presentes, a mais sua amiga, lhe disse:

— Ora, minha querida, não vale a pena preocupar-se por tão pouco... Todas nos, mulheres, deixamos, uma vez por outra, fugir a lingua para a verdade...

PONCIO PILATOS.



— Tomas um café?
— Não, obrigado. O café provoca-me insónias e hoje tenho que ir á repartição...

Do som na «Ufa»

Carissimo cinefilo:

Os meus conhecimentos tecnicos da Arte que admiras coram de vergonha e inveja de cada vez que enfrentam os teus. Não tomes por offensa, mas a verdade é que eles não percebem nada disso!

Vais responder-me que ninguém me força a falar. Também é verdade; mas se me faço ouvir, és tu o culpado! sempre disseste que nestas coisas de cinema — o calado é o melhor!

Tenho concordado contigo sobre a excellencia das qualidades da tecnica alemã, não tenho? Pois olha: já não te recordo nada!

Enquanto a «Ufa» se manteve silenciosa na questão do sonoro e deitou o «Lang» de fóra a cada ruído da produção alheia, vá que não vá! Ainda se compreendia a existencia de amadores da bela «Ufa»!

Porém, agora que esta começa a ter ruidos proprios, trocando assim todo o característico pelo lugar comum do som, não me parece que o encanto subsista.

Sim, é evidente que uma parte do indiscutivel successo da afamada marca residia exactamente no seu inditismo: enquanto os outros cantavam, tocavam, gemiam, roncavam, etc., reclamando-se com maior ou menos chunfrim, a «Ufa», modesta, afonica, etc., também fazia sentir a sua individualidade com mais subtileza, mais discreção e, pelo menos, com igual efeito...

E aqui é que estava o seu valor...

Aqueles, para que nos os identificassemos, viamham dizer-nos (na sua maneira de dizer, é claro) de viva voz: «Paramount!» «Metro!» etc. — e a gente já sabia: esse é da «Paramount», est-outro da «Metro», aquele daquelas centinellas apenas... mas sempre eram eles que no-lo diziam!

Agora vê tu a diferença: a «Ufa» tinha, esculhava-se, ditadidos... Toda a gente sabia que ali havia «Ufa», «Ufa» pura, tecnicamente pura!... E vê lá se ella pedia de sons para se apresentar!

Este é que era o merito! Por isto é que se distinguia a «Ufa»!

Bons tempos, não? Vai lá brincar com mais aquele preffixinho fano, o seu cinema parece a ser tão igual ao dos outros que, amanha, ao ouvir-se um som isolado, sempre quero vêr quem distinguia, se é de emissão «Ufa» ou de qualquer outra entidade sonora...

Quando muito, por cada novo sonoro «Ufa», dir-se-ha apenas:

— Ha um a mais!

Eu não sou cinefilo, mas... não me cheira bem este novo aspecto da «Ufa»!

J. NEVES.

Bom negocio



— Se isto dura mais um mês é uma mina, com o «stock» de vinho da Madeira que tenho...

Sortes grandes?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Historia francesa

Naquela manhã, Jacques agarrou no jornal e, como de costume, por largo tempo se entreteve lendo os anuncios.

Um, porém, lhe despertou as atenções. Resava assim: «Senhora nova, inteligente, distinta, deseja travar conhecimento com cavalheiro nas mesmas condições, para simples relações de amizade. E. n. m.»

Este n. m. fê-lo pensar demasiado, pelo que Jacques resolveu responder ao anuncio.

No dia seguinte, o correio trazia-lhe a resposta:

«Ex.^{mo} senhor: — Agradou-me a franqueza da sua carta. O final do anuncio quer dizer: — *simples relações de amizade e nada mais.*»

Gosto dumra companhia amavel, gentil; adoro conversar mas não quero, de forma alguma, passar por uma mulher vulgar. Desejo encontrar um amigo, um verdadeiro amigo no bom sentido da palavra, que se não julgue no direito de me fazer a corte.

Se isto lhe agrada, appareça v. s. na proxima quinta-feira, ás 8 horas, junto do restaurante *Dois Estrelas.*»

Seguinte-se algumas indicações para que ambos se reconhecessem.

As 8 horas menos um quarto, já o n. m. Jacques estava no local combinado. A 8 em ponto, a dama do anuncio chegava.

Era uma bonita mulher, de lindos olhos e appetivel bôzo e grande encanto.

— Ei espero — começou esta — que v. tenha compreendido bem o que eu quero. Se, por via, v. me julga uma mulher qualquer que se contente com os seus beijos e de se deixar levar por um homem e retirar-se. Seremos, se v. quiser, bons amigos. Apenas bons amigos e bons camaradas. Sou uma mulher séria.

— De accordo, minha senhora. Durante mais de meia hora, Jacques e a sua nova amiga passearam sem mostras de cansaço.

— E se tomássemos um taxi — lembrou Jacques... Olhe que já andamos muito...

— Está bem... Mas... não esqueça o combinado.

E já dentro do carro:

— O que eu não quero é que v. me julgue mal...

— Oh! Por amor de Deus, minha senhora.

O taxi deslizou por essas ruas, até que ele, conseguida uma troca de beijos, deu a direcção de sua casa ao *chauffeur*.

Alguns minutos depois, desciam e galgavam ao 1.º andar de *appartement* de Jacques...

Horas depois, arranjando-se, junto do guarda-vestidos, dizia ella para ele:

— Estou satisfeita por ver que v. não interpretou mal o meu anuncio, nem abusou da minha situação. V. é, na verdade, uma pessoa gentil e muito respeitadora. Jure-me que será sempre assim e que seremos apenas amigos, bons camaradas, porque eu não sou nenhuma desavergonhada; sou uma mulher séria...

O pai da criança

O Malaquias era um pobre diabo, muito bemquisto lá na rua dele. Tinha um filho, um mocetão todo femeelro — o terror das criadas lá do sitio — e que não fazia outra vida senão escrever declarações de amor a torto e a direito.

A paz na familia era absolutamente tranquila, tal qual nos versos de Soares de Passos. Nem uma nuvem a escurecer o céu daquele lar encantador.

Um dia, o filho do Malaquias resolveu casar. Foi ter com o pai e confessou-lhe todo o seu grande amor:

— Pai, tenho 25 anos. Estou um homem. Resolvi emancipar-me. Consente no meu casamento?

— Pois não, meu rapaz. E quem é a pombinha que te alvoceou o coração a esse ponto? Sim, porque eu creio não ser indiscreção perguntar pelo seu nome.

— O pai conhece muito bem. É a Carolina, a filha ali da hortaliçeira da esquina. Possui todos os attributos para ser minha mulher.

Malaquias abriu muito os olhos e engulia em seco.

O rapaz deu-lhe a seguinte:

— Parece que não lhe agrada a minha escolha...

— Filho das minhas entranhas — explicou o pobre velho — não é assim. Casa com quem a te apetece, mas não a Carolina não.

— Não?!

— É que a Carolina, a filha da hortaliçeira, nada mais a tua mãe, pelo mar de Deus — a minha filha. Um amor, mas não quero não revelar.

— Desta vez foi o rapaz quem enguliu em seco.

— Perdô-me, pai, perdô-me — mas seria o meu casamento com a tua propria filha?

— Não?!

Depotteram alguns meses com o desgosto o filho de Malaquias quasi não comia, não bebia, não... fazia coisa alguma nenhuma. Mas como o tempo curte todas as dores humanas e, como diz o outro, nada neste mundo fica sem remedio, o rapaz foi encontrar noutras paragens refugio para o seu mal. Enamorou-se pela segunda vez — agora com uma mocetona de trouxa que toda a vizinhança cortejara sem exito.

A transbordar de alegria, e após algumas noites de vigilia, resolvera finalmente dar o nó. Aquella vida de solteiro tornava-se-lhe insupportavel. E novamente abordou o autor dos seus dias:

— Pai, custou-me bastante a re-

signação, mas o meu sacrificio terminou. Rei morto, rei posto. Decidi casar... com outra rapariga.

— Bravo. E's um filho á altura, que honra sobremaneira as barbas de seu pai! (O Malaquias era barbeiro).

— Quere saber quem é a rainha do meu coração?

— Quero, sim, para a abençoar e dar-te os meus parabens.

— Pois então lá vai. Conhece a Margarida aguadeira, que vai á fonte todos os dias e mora aqui ao lado?

— Que?

— É' ella inteirinha, em carne e osso.

O pai Malaquias, ouvindo pronunciar aquele nome, tremeu, tremeu... e quedou silencioso.

— Tambem não lhe agrada? — redarguiu o infel. namorado, com um terrivel presentimento.

— E' que... E' que...

— Vamos, De-embuêhe com a... rapaz!

— É' que a Margarida... tambem é minha filha.

— Descordado, o rapaz reagiu e correu ao *Paradizo*.

— Maldição do Maldito!

— E' assim esustimado.

O pai sentou-se numa cadeira e ficou ali mesmo a não se levantar e morreu como um velho arcaico, sem mais filhos.

— Não?!

— É' que a Carolina, a filha da hortaliçeira, nada mais a tua mãe, pelo mar de Deus — a minha filha. Um amor, mas não quero não revelar.

— Desta vez foi o rapaz quem enguliu em seco.

— Perdô-me, pai, perdô-me — mas seria o meu casamento com a tua propria filha?

— Não?!

Depotteram alguns meses com o desgosto o filho de Malaquias quasi não comia, não bebia, não... fazia coisa alguma nenhuma. Mas como o tempo curte todas as dores humanas e, como diz o outro, nada neste mundo fica sem remedio, o rapaz foi encontrar noutras paragens refugio para o seu mal. Enamorou-se pela segunda vez — agora com uma mocetona de trouxa que toda a vizinhança cortejara sem exito.

A transbordar de alegria, e após algumas noites de vigilia, resolvera finalmente dar o nó. Aquella vida de solteiro tornava-se-lhe insupportavel. E novamente abordou o autor dos seus dias:

— Pai, custou-me bastante a re-

Prosa de Um-velho

Após a corrida de Badajoz e na «Asociacion de la Prensa», ouvimos a um simpatico «aficionado» recordar «com lagrimas na garganta» aquele que foi S. Juan Belmonte, patrono de Triana.

Já em Lisboa temos uma admiravel critica da referida corrida de Badajoz, por D. Bernardo Mesquita, e insistindo nas «idades» por aquele que com os teares lidados teria feito colas de Arco da Velha...

Temos pelos partidarios de Belmonte a maior consideração, e nós mesmo somos admiradores de Juan, sem perda de termos estimado Josecito como «o maior de todos». Simplemente nos permitimos recordar aos «belmontistas» que na propria praça de Badajoz aguentámos «al fenomeno las más fenomenales latas».

E com isto não pretendemos defender os teureiros de hoje...

A chuva impediu a realização da arada annunciada para o ultimo mango no Campo Pequeno, cuja arena estava completamente encharcada pela chuva.

Mas, ha males que vêm por bem, e de tal modo não resultará perder Manolito B. a corrida tourear este ano na «Corrida da Imprensa», que terá lugar numa das primeiras noites do próximo...

Ao celebrarmos a boa nova de termos B. arreada na nossa «Corrida da Imprensa», não podemos esquecer o nome de Manuel Lalande, que com Manolito completa aparelha trianés para contemporânea e que em 1-29 foi o nosso toureiro.

E como Manuel toureia com Nuncio, na proxima corrida do Campo Pequeno, aqui o saudamos festivamente. Não se diga que somos ingratos...

PEREZ LA CHAISE.



Vejo um mulher loira... ela persegue seu marido por toda a parte...

— Impossivel, meu marido é aviador!

Quereis dinheiro?

Joga no **Lama**

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

BARBEI-SE COM LAMINAS



As de mais alta tempera

Desde a porta da Rubi
Ao fim d'Almirante Reis,
O povo formado a seis
Espera ser atendido...
Eu vi familias inteiras
Qu'abandonaram o lar
Para vir saborear
Licór tão apetecido.

R. Barros Queirós, 27
LISBOA

Sortes grandes ?
só o **PINA** as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

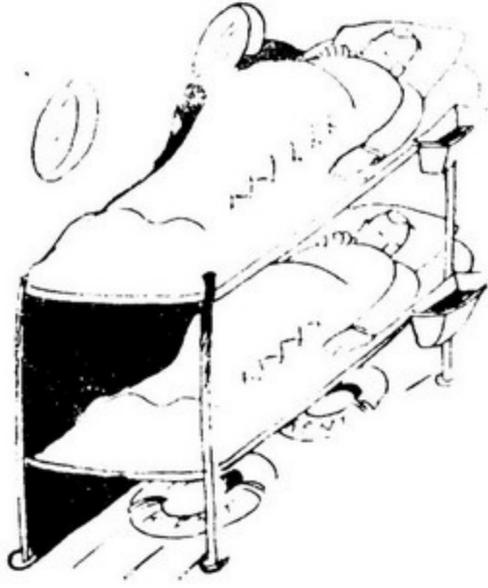
Velocidades modernas



Gago Coutinho e o Do. X. continuam «amarrados» em Las Palmas...

ECOS DA SEMANA

OS PRINCIPES INGLESES DEPOIS DO BANQUETE FORAM PARA O "KENT"



O VAMPIRO DE DUSSELDORF VAI SER MORTO NOVE VEZES !!



A CAMARA COMEÇOU A SALGAR AS ERVAS DA CIDADE ESSE SERVIÇO É EXECUTADO POR GHANDIS QUE FORNECEM O GAL E ESTÃO ACOSTUMADOS A RAPAR FOME, ENTRE OUTRAS COISAS.

SO A CUSTA DO GENIO DO HIDRO E DO OXI DE DIER AL TEM FILADO NOS LAGO DE NICE



O MERCADO DA RIBEIRA, MAIS CONHECIDO POR MESQUITA DE "ALI-HA-NABO" ENTROU NO APOGEU.

NO 1º DE MAIO AG. INTRARIO DOS OUTROS ANOS TRA BALHA TUDO MINHA GENTE A VER SE DA MELHOR RESULTADO

